

## **A VOZ DO PROLETARIADO EM “OS CORUMBAS”**

**ANDRADE.** Ariene do Nascimento

ariene.andrade@yahoo.com.br

**LEITE.** Maria Adriana Santos

adrianinha.leite@yahoo.com.br

**SILVA.** Adriana de Oliveira

naninha83@hotmail.com.br

**GALLY,** Christianne de Menezes. (orientadora)

Graduada em Letras-Português, Mestre em História da Educação, professora adjunta III do curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT, revisora da Universidade Aberta do Brasil e doutoranda em Língua Portuguesa (PUC-SP).  
Christianne.gally@gmail.com

### **RESUMO**

Este artigo tem por finalidade analisar as várias vozes no discurso adotado pelo proletariado sergipano contra a exploração da classe empresarial na obra “Os Corumbas”, publicada em 1933, escrita por Amando Fontes. Para isso, fez-se uma pequena descrição das condições de produção que incluem estudos acerca dos romances da geração de 30 e o processo de industrialização em Sergipe nesta década. Utilizando os pressupostos da análise do discurso proposto por Maingueneau, este artigo privilegiou a categoria da heterogeneidade constitutiva do sujeito, que, de alguma forma, se relaciona com a polifonia bakhtiniana.

Palavras-chave: Os Corumbas, polifonia, análise do discurso.

This article has for purpose to analyze the some voices in the speech adopted for the sergipano proletariat against the exploration of the classroom enterprise in the workmanship “the Corumbas”, published in 1933, written for Loving Sources. For this, a small description of the production conditions became that include studies concerning the romances of the 30 generation of and the process of industrialization in Sergipe in this decade. Using the estimated ones of the analysis of the speech considered for Maingueneau, this article privileged the category of the constituent heterogeneity of the citizen, that, of some form, if relates with the bakhtiniana polyphony.

Key-word: The Corumbas, polyphony, analysis of the speech.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo tem por finalidade analisar as várias vozes no discurso adotado pelo proletariado sergipano contra a exploração da classe empresarial na obra “Os Corumbas”, publicada em 1933, escrita por Amando Fontes. Para isso, fez-se uma pequena descrição das condições de produção que incluem estudos acerca dos romances da geração de 30 e o processo de industrialização em Sergipe nesta década.

No Brasil, a industrialização aparece como valor social por volta de 1850, com o empreendimento do Barão de Mauá. Todavia, a aquisição de máquinas, a importação de mão-de-obra especializada e tantas outras coisas que foram providenciadas naquela oportunidade não significaram a implementação de uma sólida empresa industrial. Faltavam as condições adequadas ao necessário desenvolvimento de uma sociedade empresarial, era preciso que a própria sociedade brasileira se transformasse, a ponto de converter a industrialização em algo socialmente viável.(SILVA,199, p. 08)

Utilizando os pressupostos da análise do discurso proposto por Maingueneau, este artigo privilegiou a categoria da heterogeneidade constitutiva do sujeito, que, de alguma forma, se relaciona com a polifonia bakhtiniana.

Além de aprofundar os conhecimentos na história sergipana, trazendo os principais fatos históricos de 1930 à tona, no tocante ao processo de industrialização, este trabalho propõe usar um romance sergipano como objeto de estudo, extraindo apenas os discursos diretos e indiretos dos personagens para analisar a constituição do sujeito proletário.

A análise do discurso privilegia várias categorias para interpretação dos efeitos de sentidos gerados num determinado espaço discursivo. Não será privilegiada aqui a categoria de ideologia, pois que é extremamente polêmica; mas, observaremos a identidade do sujeito enunciativo quando se traduz na polifonia. Para isso, foram analisadas as condições de produção, levando-se em conta a situação histórica na qual está inserida a obra, um pouco da biografia do autor, o momento em que a obra foi lançada e a sua repercussão nos jornais sergipanos e depois a apresentação dos discursos que constituem o sujeito proletário apresentado na obra.

## **SOBRE AMANDO FONTES**

Advogado, professor e político, Amando Fontes nasceu em 15 de maio de 1899, em Santos, litoral paulista, filho do farmacêutico Turíblio da Silveira Fontes e D. Rosa do Nascimento Fontes. Logo após a morte de seu pai, sua família voltou a viver em Aracaju, de onde era oriunda.

Aos 15 anos, começou a trabalhar como revisor do jornal *Diário da Manhã* de Aracaju. Logo depois, seguiu para Belo Horizonte, com o objetivo de servir em uma função pública que lhe permitisse custear seus estudos. Não obteve êxito, sem grandes relações no novo meio, serviu de inspiração para acentuar sua forte tendência para as letras, já revelada desde os doze anos, quando começara a ler Alencar, Camilo, Eça, Zola dentre outros.

Em 31 de julho de 1923, volta a Sergipe para casar-se com dona D. Corália Leal Teixeira. Coursou a faculdade de direito na Bahia, bacharelando-se em 1928. Logo após a sua

formatura transferiu-se para Curitiba, onde se dedicou às atividades industriais. Após a revolução de 1930, foi morar no Rio de Janeiro dedicando-se à advocacia e retomando a composição da obra *Os Corumbas*, nomeado por esta época, professor de língua portuguesa da prefeitura do Distrito Federal. Foi eleito deputado federal em 1935. Em 1946, conseguiu um novo mandato como deputado federal pelo estado de Sergipe, logo após a redemocratização do país em 1951.

Amando Fontes faleceu no dia 1º de dezembro de 1967 vítima de infarto, deixando inacabado seu último livro *Deputado Santos Lima*, no qual foram retratados os últimos anos de República Velha e os que se lhe seguiram, até 1933.

Suas obras literárias – *Os Corumbas*, publicada em 1933, e *Rua de Siriri*, em 1937 –, concederam ao escritor o prêmio Felipe de Oliveira. Dada a incidência de romances na linha social, o tema abordado em sua primeira obra não causou surpresa à crítica literária da época. A imprensa local, entretanto, trazia a seguinte nota sobre sua estréia:

Apresenta-se na arena das letras pátrias Amando Fontes, que eu vi nascer em Santos e crescer em Aracaju, no tempo em que se iniciavam o football, a luz elétrica e os esgotos, sem, passar por academias, mãos da pena encheu mais de duzentas páginas de um bem feito livro: *Os Corumbas*. Revelando-se observador sereno e fiel aos fatos devida atribulada de uma família de operários. O livro é de fundo socialista, mas de um socialismo sadio, legítimo, que defende a vida, a dignidade, a honra do operário, fustigado como boi no curral por vaqueiros. Nas páginas de *Os Corumbas* os fatos se sucedem bem concatenados, numa ordem tão natural que deixou no espírito do leitor a impressão de ter conhecido até convivido com os seus protagonistas. Do jovem autor não se pode dizer que é uma esperança, mas um consumado romancista e escritor fluente sem fantasias nem imitações. (Diário da Tarde. Aju, 02/10/1933).

Sua carreira foi marcada por seu papel influente na política, mas sua atuação foi além das questões político-partidárias. Preocupava-se com o aspecto social, principalmente. Suas obras, portanto, tinham a intenção de veicular informações sobre as injustiças cometidas pelos dominantes e difundir idéias contrárias ao capitalismo e, sobretudo, expor o sentimento dos menos favorecidos na escala social, em face da exploração e dos maus tratos implantados como regras de trabalho do setor fabril.

## O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO

A revolução de 1930 proporcionou o aparecimento de novas forças no campo político e ampliou o papel do Estado. Com o fim do mandato do atual governante Washington Luis (1926-1930), o esquema sucessório entrou em pane, as dissensões locais eram grandes demais para serem superadas. Minas Gerais e Rio Grande do Sul lançaram um candidato próprio, Getúlio Vargas para enfrentar o oficial Julio Prestes. Vargas perdeu a eleição em março de 1930, mas as fraturas estavam abertas. Os derrotados passaram a tramarm um golpe de Estado, que eclodiu após um acontecimento fortuito, a morte de João Pessoa, candidato a vice na chapa de Vargas. O impacto emocional da exibição do cadáver de João Pessoa: morto a tiro em visita ao Recife em 1930, por seu adversário político João Dantas, causou grande repercussão e foi apresentada como prova cabal do autoritarismo do governo, que não hesitava em calar com chumbo a voz da liberdade.

Este fato deu novo ânimo aos oposicionistas. Vendo o apoio popular crescer, começaram a juntar armas e buscar aliados. No dia 3 de outubro de 1930, após pouco mais de duas semanas de luta, os revolucionários entravam no Rio de Janeiro chegando ao fim a república velha. Este movimento se alastrava por todo o estado brasileiro e, aos poucos, formava novos aliados, inclusive na região Nordeste.

Implantada na primeira República (1889-1930), a industrialização envolveu um conjunto de mudanças e transformações no campo político, econômico e social. Um mês depois de desencadeado o movimento revolucionário, Getúlio Vargas tomou posse como presidente da República no dia 3 de novembro de 1930. O programa de governo que então apresentou, tinha duas promessas principais: extirpar os males do governo passado e implantar um programa de desenvolvimento para o país.

A princípio, Vargas redefiniu a forma de acumulação de capital, através da criação da infra-estrutura básica e de Organizações Estatais, estimulando as empresas privadas e

atraindo capital internacional. Num momento de retração dos fluxos comerciais com o exterior, essa reorientação do crescimento para dentro favoreceu São Paulo, que estava dotado de melhores condições financeiras e logísticas. Este modelo de acumulação, o nacional-desenvolvimento, teve bastante sucesso, mas foi sendo reformulado ao longo do tempo.

Do ponto de vista político, a industrialização foi uma espécie de divisor. Na medida em que o país alcançava o desenvolvimento, travou-se uma verdadeira disputa pelo poder. De um lado o PRP (Partido Republicano Paulista), constituído pelos cafeicultores do estado de São Paulo mais algumas dissidências progressistas, e do outro o Estado, que, tentava equilibrar a relação de força. No âmbito social, a industrialização caracterizou-se pela alta exploração da mão-de-obra, principalmente do trabalho infantil e feminino, empregado em larga escala.

O trabalho feminino tinha um peso significativo na composição da força de trabalho da época, embora se concentrasse, em sua quase totalidade, nos setores têxtil, do vestiário e toucador. A presença de mulheres e meninas nas fábricas, bem como de menores em geral, favorecia certos mecanismos de super-exploração, entre eles, o próprio rebaixamento de salários. Nos períodos de crise, o desemprego atingia em geral, todos os membros da família operária. Colaborando com a entrada de mulheres e menores, em massa no mercado de trabalho. (LEONARDI, 1982, p. 183)

Assim, o proletário surge em decorrência de um processo de industrialização pouco preocupado com a humanização da nova classe. Enquanto o Nordeste persistia com seus complexos açucareiros, algodoeiros e pecuários como principais fontes de riqueza e ocupação, a economia brasileira passava por grandes mudanças para atender as exigências do capitalismo e, assim, manter-se integrada ao comércio internacional.

Em Sergipe, no período de (1930 – 1935), o governo ampliou as máquinas administrativas e reformulou a estrutura de poder preexistente, proporcionando desgaste às oligarquias e ao coronelismo coercitivo. Simultaneamente ocorria a sindicalização de diversas categorias profissionais com o respaldo da Interventoria.

A partir de 1933, vários grupos sociais participam da reorganização partidária, dentro de um novo quadro institucional que comportava a justiça eleitoral.

Com a chegada de Augusto Maynard ao Rio de Janeiro, provavelmente em Setembro de 1929, a campanha da aliança liberal estava em franca expansão. Em início de agosto, começara na câmara federal com discursos estrepitosos fomentando acesos debates que alcançavam grande repercussão através da imprensa. Em setembro, realizou-se a convenção liberal no palácio Tiradentes, de onde saíram suas primeiras diretrizes divulgadas através de manifesto.

Esses fatos escoavam despertando a curiosidade especialmente dos revoltosos não alinhados nos esquemas situacionistas e ansiosos por mudanças. Na manhã do dia 16, cerca de umas seis horas, quando a cidade despertava, sua população foi surpreendida pelo ruído de um avião rompendo o espaço e sacudindo folhetos. A primeira presença da revolução em terras de Sergipe Del Rey era um manifesto em forma de apelo assinado pelo General Juarez Távora, chefe da revolução no Norte do Brasil.

Gradativamente a revolução ia chegando a Sergipe. Durante toda noite, numerosas pessoas esperavam, na estação ferroviária, as tropas provenientes do Norte, que atravessavam o São Francisco, ocuparam Propriá sem luta e somente chegariam a Aracaju por volta das nove horas do dia 18 de outubro. Horas depois dava-se posse ao primeiro governante da revolução, o médico do exército, Dr. Eronildes Carvalho. Dois dias depois assumia o cargo de governador provisório do estado de Sergipe o general José Calazans, com a presença do general Juarez Távora. Após cumprir sua missão em Juiz de Fora (MG), Maynard chegou inesperadamente de avião a Aracaju, no dia 8 de Novembro de 1930, ao lado de Juarez Távora onde conferenciou com José Calazans e viajou. No dia 17 de novembro do mesmo ano, o governo provisório de Sergipe, alegando motivos de saúde, passou o cargo ao coronel

Augusto Maynard Gomes em cerimônia simples no palácio Olympio Campos. Maynard governaria de (1930-1935) e (1942-1945).

Durante a primeira República, as atividades rurais em Sergipe giravam principalmente em torno da produção de açúcar, do plantio de algodão e da criação de gado. Em Sergipe, apenas um engenho central foi criado no ano de 1888, o Riachuelo, localizado no município do mesmo nome, pertencente à companhia açucareira Paraíba-Sergipe e contando com capital inglês. O engenho central e as usinas, que posteriormente foram surgindo em Sergipe, transformaram a manufatura do açúcar em processo industrial. Enquanto o engenho central separava os setores do plantio de cana de açúcar, já que o mesmo restringia-se a última fase na usina, o dono da fábrica continuava controlando também o plantio da cana, sendo que a diferença em relação aos engenhos tradicionais era representada pela substituição do maquinário usado na produção do açúcar por máquinas modernas.

Apesar de ser muito antigo o cultivo do algodão em Sergipe e do produto ter chegado a ocupar o segundo lugar na pauta das exportações locais desde final do século XVIII, foi somente na década de 60 que a cultura algodoeira ganhou importância econômica; com o aumento das exportações, devido à guerra de secessão dos Estados Unidos (1861-1865). Com o fim da guerra, o algodão voltou-se para o mercado local, o que serviu de estímulo para o surgimento da indústria têxtil. Foi no final do século passado que a indústria têxtil sergipana ensaiou os seus primeiros passos. Assim, no ano de 1884, entrou em funcionamento a primeira fábrica de tecidos do estado, a Sergipe Industrial. Sob a denominação de Cruz e Companhia, a fábrica que foi instalada no bairro Industrial, em Aracaju. Com o mesmo estímulo e viabilização pela associação de capitais sergipanos e de outros estados, na década seguinte instalou-se mais uma fábrica em Sergipe, a Companhia Industrial de Estância, que começou a funcionar no ano de 1896, na cidade de Estância.

Quase um século depois de seu surgimento, a industrialização se transforma em uma poderosa força social. As circunstâncias históricas e sociais, enquanto fatores determinantes das diferentes interpretações do homem e do seu meio, assumem um lugar de grande importância no quadro geral da literatura brasileira. Surge uma literatura engajada com os problemas sociais.

### **OS CORUMBAS INICIAM UMA NOVA FASE DO ROMANCE SOCIAL.**

Marcadas pelo mito da industrialização, as primeiras décadas deste século assistiram a um grande êxodo rural. O homem do campo deixava o seu habitat em busca dos grandes centros urbanos da capital. Lá, ele esperava encontrar trabalho e uma condição de vida que lhe possibilitasse acesso à determinados bens comuns a sociedade moderna, tais como: instruções, moradia, garantias sociais, além de outros bens materiais que proporcionavam um tipo de vida mais adequado à nova realidade.

Em início da década de 20, tanto o desenvolvimento fabril quanto o de outras atividades do meio urbano, criaram novas oportunidades de emprego, razão por que também muitos elementos pobres se deslocavam para Aracaju buscando a sobrevivência, sendo a família dos Corumbas, retratada por Amando Fontes, símbolos extremamente significativos da seca que se alastrava por todo sertão sergipano. (DANTAS, 1999, p.48)

Na simplicidade de Sá Josefa, matriarca da família Corumba, essas aspirações eram tidas como certas. Tanto que, no início do texto, ela diz:

Na capital, havia emprego decente para as suas meninas mais velhas. Era na fábrica de tecido. Estavam assim de moça, todas ganhando um bom dinheiro... Pedro não custaria em conseguir um bom lugar, como ferreiro, ou maquinista.... Uma outra vida, enfim. Vestia-se melhor, andava-se no meio de gente.... Depois, tinha assim uma certeza, uma espécie de pressentimento, de que lá as filhas logo casariam. Isso, as mais velhas. As duas mais novas iriam para a escola. Nem precisavam trabalhar. Caçulinha, que era tão viva e inteligente, bem poderia chegar à professora.... (FONTES, 2003, p. 27-28).

Até certo ponto, as precárias condições de vida no campo, ou mesmo das regiões periféricas das grandes cidades, justificavam a facilidade com que se propagou a idéia de

desenvolvimento via industrialização. Esta despontava como a solução para os problemas enfrentados pelos retirantes da seca: o analfabetismo, desemprego, falta de assistência médica e jurídica, falta de habitação, dentre outras. Contudo, por trás das indústrias havia sempre o padrão à espera do lucro, das recompensas de seus investimentos. A eles cabiam todas as vantagens advindas de suas condições de detentor dos meios de produções.

Marx definiu o proletariado industrial COMO “o mais genuíno produto do capitalismo, aquele que não pode libertar-se sem subverter toda a ordem social”. (Sader. 1986:17) Ao trabalhador cabia apenas o esforço, no sentido de fazer valer a luta do proletariado contra as explorações dos patrões.

Toda obra literária traz, em si mesma, uma visão de mundo que corresponde às experiências de seu autor. Essas experiências ocorrem em dois níveis: interno e externo. No nível interno, tem-se o aprofundamento de questões referente ao ser como prioridade, uma ênfase maior é dada à análise do comportamento humano, face ao problema da alma, da mente, e do espírito. Já no nível externo, a ênfase maior recai sobre o comportamento do indivíduo perante a sociedade. (SILVA. 1991, p. 27)

Amando Fontes transportou para *Os Corumbas* sua visão de desenvolvimento e progresso veiculado à industrialização por meio de relatos do narrador. Demonstrando ser um profundo conhecedor daquela realidade, ao introduzir as personagens e o tema do romance, ele descreve as festas populares religiosas, as credices e o modo de viver da gente simples do Nordeste.

(...)Dezenove de Março. Dia se São João a casa de João Piancó amanheceu engalanada, pronta para o grande festejo. A sala principal resplandecia, muito branca, pintada de novo a tabatinga. Pelas paredes e janelas, ramos verdes de camarão, bandeirinha de papel, fita vermelhas. No fundo, em nicho azul, recamado de flores, repousava a imagem dos santos... (idem, p. 20-21).

Após alguns anos de longas conversas com sua esposa, Geraldo acedeu aos insistentes pedidos de Sá Josefa. Logo que se desfizeram de todos os seus bens: algumas galinhas, dois cavalos, a roça recentemente plantada e sua casa, seguiram para capital, todos risonhos e contentes, ao encontro da “felicidade na capital sergipana”.

A partir daí, narrador e personagens preparam o terreno para um confronto maior: o confronto campo *versus* cidade. Essa atitude de mudança de Sá Josefa é o primeiro manifesto de uma visão de mundo estereotipada. Toda sua argumentação em favor da mudança da família para capital, encontrava reforço na miséria que os perseguia desde Urubutinga. De nada adiantara procurar um outro arraial, um outro engenho. A seca era implacável. Por onde passava, deixava um rastro de destruição. Em contrapartida na capital, “uma certeza” mesclada por uma espécie de “pressentimento” lhe assegurava dias melhores. A escolhida nas grandes cidades quase sempre era desastrosa para o homem do campo.

Analfabeto e profissionalmente desqualificado para o trabalho nas indústrias, a sua vida, quando não mudava para pior, era igual ou semelhante à que tinha no campo. Enquanto relata as dificuldades do dia-a-dia da família Corumba, o narrador induz o leitor a pensar nas contradições do progresso que aniquila o ser. Geraldo e Sá Josefa são apenas vítimas desse progresso.

Ao descrever as características de Sá Josefa, o narrador não focalizava a ação natural do tempo que tudo transforma, mas ação de um tempo destruidor em consequência do sofrimento enfrentado em decorrência da seca:

Ele tinha agora a cabeça branca, o rosto encarquilhado. Do bigode, esparramado sobre a boca, não se sabia bem a cor, tão queimado vivia do fumo do cachimbo. Seus olhos piscavam de contínuo e davam a impressão de haver diminuído de tamanho. Um joelho sempre atado de reumatismo, fazia-o coxear ligeiramente. (idem, 2003, p.46)

Apesar da aparente fragilidade, Josefa encarna a personalidade da mulher forte, a verdadeira operária do lar. Era ela quem controlava tudo e todos: desde a hora de levantar até a hora de deitar. Vivia mergulhada em preocupações: ora com a saúde de Bela, a filha mais nova que sofria de problemas pulmonares, ora com as idas e vindas das filhas Rosenda e Albertina para a fábrica, temendo pela moral das duas; ora com as idéias estranhas de seu único filho Pedro influenciado pelo comunismo.

Do que fora, na sua mocidade. Sobreviveram apenas poucos traços: os grandes olhos azuis, hoje sem brilho; o nariz curto e afilado; duas carreiras de ótimos dentes, esverdeados pelo abandono em que andavam, mas bem conformados e certos. Tudo o mais se arruinara à vida de penosos trabalhos que levava. (idem,2003, p.34)

Quando soavam as quatro horas no grande relógio da Sergipana, todas as preocupações eram momentaneamente esquecidas, todas despertavam para mais um jornada exaustiva de trabalho nas fábricas de tecidos. Elas estavam lá, acaçapadas e enormes. Eram duas: a da Companhia Sergipana de Fiação, que o povo a cognominava Sergipana, e a empresa têxtil do Norte, apelidada simplesmente de Têxtil. Todos os dias, os seus grandes portões, escancarados, tragavam para mais de três milhares de operários.

Eram mulheres na sua maioria. Velhas, moças, crianças, donzelas, casadas, prostitutas. Caminhavam de mistura, em algazarra, batendo os tamancos com forças na areia acamada dos caminhos, nas pedras irregulares das ruas. (...)

Eram praieiros de São Cristóvão, e Itaporanga; camponeses do Vaza-Barris, da Cotinguiba; sertanejos de Itabaiana e das caatingas – que, num dia ou noutro, tangidos pela mais áspera miséria, haviam desertado de seus lares, na esperança de uma vida melhor pela cidade...(2003, p.39-40).

## **A POLIFONIA**

Termo advindo da música, diz respeito aos textos que veiculam, na maior parte dos casos, muitos pontos de vista diferentes, ou seja, o autor pode fazer falar várias vozes ao longo de seu texto. Nos anos 1920, esse termo foi bastante corrente quando Bakhtin, em seu estudo sobre Dostoiévski, disseminou um valor e um sentido diferente do usado pela música. Foi através deste trabalho de Bakhtin, que muitos lingüistas, como Ducrot, usou o novo conceito de polifonia para explicar alguns aspectos pragmáticos e textuais.

Na lingüística, a polifonia é associada ao nível do enunciado<sup>1</sup>. Nele estão incluídas as marcas dos protagonistas de sua enunciação que se dão de múltiplas formas. Tanto podem

---

<sup>1</sup> Do ponto de vista sintático, o enunciado é definido como a unidade de comunicação elementar, uma seqüência verbal investida de sentido e sintaticamente completa; do ponto de vista pragmático, o enunciado é a realização de uma frase em uma determinada situação. Diferentes enunciados de uma frase têm, em geral, sentidos completamente diferentes. Neste caso, associa-se a significação à frase e o sentido ao enunciado. Para a análise do discurso, “o enunciado é a sucessão de frases emitidas entre dois brancos semânticos, duas pausas de comunicação; o discurso é o enunciado considerado do ponto de vista do mecanismo discursivo que o condiciona” (Maingueneau, 2006,p.196)..

aparecer através dos pronomes pessoais, dos adjetivos subjetivos, das modalidades da linguagem, etc.

Baseando-se nos trabalhos de Genette, que faz distinção entre aquele que vê e aquele que fala, Ducrot introduziu uma distinção semelhante entre locutor e enunciador. O locutor é aquele que, “segundo o enunciado, é responsável pela enunciação”.(MAINGUENEAU, 2006, p.385). Os pronomes de primeira pessoa, por exemplo, são algumas das marcas do locutor em seu enunciado. É este mesmo locutor que põe em funcionamento os enunciadores a fim de apresentar diferentes pontos de vista. Daí, tanto ele pode se associar aos seus enunciadores, como também pode se afastar completamente deles.

Para a Análise do Discurso, a polifonia trata de problemas associados às diversas formas de discurso citado (ou representado). Diferentemente de Ducrot, portanto, para a AD existirá polifonia quando houver vários locutores, reais ou representados. Para a literatura, que usa a noção bakhtiniana, a polifonia diz respeito às “múltiplas relações que mantêm com o autor, personagens, vozes anônimas (o diz-se), diferentes níveis estilísticos, etc”. (idem, p.388).

Assim, no romance *Os Corumbas*, é possível analisar as diferentes vozes, que o constituem. Rosenda, a filha mais velha do casal, traz o perfil representativo da classe operária, na sua maioria eram mulheres feias, sua personagem apresenta características das empregadas das fábricas: “Rosenda não era bonita. Com o seu nariz grosso, os dentes maus, o rosto recoberto das marcas escuras das espinhas, antes poderia ser classificada como as feias”. (FONTES, 2003, p.67).

O seu discurso traduz o inconformismo de estar inserida naquele contexto de miséria. A todo instante manifestava sua revolta contra aquela situação. “Queixava-se de tudo, da má qualidade da farinha; do seu trabalho afadigado; do pouco dinheiro que as fábricas davam de esmolas a seus escravos” (idem). “É assim agente se mata como um burro e depois só tem

direito a café com bolacha, a carne seca com farinha... (2003, p. 38).” “Isso é uma peste! Não é vida! Andar suja assim, que nem cadela de senzala... (2003, p.41)”.

Ao contrário de Rosenda, Albertina tinha um temperamento extrovertido, aproveitava qualquer ocasião, para dar um pouco de ânimo às pessoas. Seus sonhos eram mínimos; não reclamava de nada, não almejava quase nada, vivia. E quando alguém reclamava do seu jeito de ser, respondia com ar de superioridade. “Eu também tenho razão para viver triste. Mas não me entrego. Nem sou tola para andar me lastimando. Lastimar, pra quê? Não dá remédio... Se chorar consolasse, meus olhos viravam forte...” (2003, p.42)

Porém trazia em si um temperamento explosivo. Após uma briga com o contramestre da seção, Albertina volta para casa entre soluços e lágrimas começa relata o acontecido aos pais.

Foi o Misael, o contramestre da minha seção... Miserável! Ele não gosta de mim, porque eu não sou como as outras, que lhe dão confiança... Safado! Uma vez ele me deu uma palmada nas cadeiras. Mas eu desgracei logo com ele. Gritei-lhe no focinho: “atrevido! Moleque! Vá bater na tua mãe, peste!” o povo todo ouviu... Ele ficou danado comigo e por isso de prevenção... Hoje só porque cheguei um bocadinho mais tarde – ainda não tinha fechado o ponto – o infame disse que eu não entrava nesse quarto. E veio logo com enxerimento: “se eu quisesse esperar por ele, de noite, no Beco da cerimônia”... Nem deixei que ele acabasse. Disparei, xinguei tudo, e vim m’ embora... Também, eu que me importo! Não volto mais para trabalhar naquele inferno. Não volto, não volto pronto! (2003, p. 48).

A fala de Albertina manifesta a revolta contida do trabalhador principalmente da trabalhadora que, na época, era submetida a todo tipo de exploração por parte do patrão ou de seus encarregados, inclusive, à exploração sexual. O preço da competição desigual com os homens era muito alto e quase sempre acabava submetendo as mulheres à violação de princípios imprescindíveis à integridade do ser humano.

A falta de dinheiro para a manutenção da casa era tida como o causador de todos os males da família, motivo que levou Albertina a engolir seu orgulho e aceitar a idéia de esquecer os acontecimentos do dia anterior, ao chegar à fábrica, ela recebeu a notícia de sua

demissão. Procurou o gerente, seu Joãozinho, e tentou justifica-se, porém, ele foi seco e severo:

De nada adiante a sua explicação. É na palavra dele que eu tenho que acreditar. Senão, adeus ordem e disciplina... A senhora mesmo foi a culpada de tudo, fez um bruto escândalo na hora do serviço. Agora não tem mais remédio. Seu nome já foi riscado da lista. Acabou-se (2003, p. 55).

De todos os personagens apresentados, Pedro é o que traz em si a luta pela igualdade de condições e, por isso, muitas informações são transmitidas pelo locutor:

Era um jovem de dezoito anos, a tez branca, cabelos alourados, de estatura mediana. Trabalhava como ajudante nas oficinas da estrada de ferro, situada muito longe, no bairro Aribé. Tinha por isso, de sair de casa muito cedo, levando a refeição numa latinha, para só regressar já a noite feita (2003, p. 35).

Após conhecimento do tipógrafo José Afonso, por intermédio de sua irmã Caçulinha, Pedro começa a ter acesso a leituras de obras de escritores russos, tais como Trosztki e Lenine, e passa a ser influenciado por idéias comunistas. Seu comportamento vai tomando outras dimensões, começa a questionar os valores impostos pela sociedade se opondo a eles.

Um diálogo entre ele e Sá Josefa, a respeito de sua promoção a contramestre na oficina da Estrada de ferro, é exemplar, no que se refere à sua maneira de agir.

- Sabe mãe? Hoje fui promovido a contramestre. Agora, não ganho mais por dia de serviço. Vou fazer cento e oitenta em mês corrido.  
O rosto de Sá Josefa iluminou-se:  
\_ O quê, meu filho?! Contramestre? Ganhando cento e oitenta por mês? Você tem tido sorte aqui no Aracaju!...  
\_ Sorte? Pois eu acho que sou mal recompensado, em vista do que faço. Um contramestre com menos de duzentos de ordenado, só mesmo aqui é que se vê!(2003, p. 92)

O nível de compreensão de Sá Josefa sobre a questão dos direitos e deveres dos cidadãos era bem diferente do que Pedro já havia adquirido graças a amizade com José

Afonso, o tipógrafo comunista. Para ela o que importava era o dinheiro para cobrir as despesas da casa.

- Escute aqui, Pedro. Você porque não larga umas certas companhias, que andam virando sua bola? Não, não se zangue... Eu falo é pro seu bem, pro bem de todos nós. Se há um que não pode se queixar, esse é você. Seus patrões lhe tratam como um filho; sobem você de posto cada dia.. Por que então essa história de querer sempre ganhar mais, só oito horas de serviço e mais isso e mais aquilo? Bem pensado, é até uma ingratidão de sua parte.. (2003, p. 46).

O discurso de Pedro é carregado de significações sociais. O confronto de idéias entre ele e sua mãe dá a exata medida dos efeitos da alienação, impostas aos necessitados. Ele lutava para defender os interesses da classe operária, direito estes aniquilados diante do progresso industrial. Numa época em que a política local encontrava-se em processo de transformações. Segundo Ivonete Silva, “A movimentação política em torno de partidos de direita e esquerda era grande. O momento era de muita agitação. Cada partido político procurava conduzir os conflitos sociais que aconteciam em várias partes do país, dando-lhe às feições ideológicas que mais lhe convinha, ou que mais se adequando à sua linha de pensamento”.

Diante destes conflitos ideológicos entre as classes proletárias que trazia uma falsa aliança com aos grupos de tendências políticas contra o empresariado local, travavam-se uma verdadeira guerra por poder político e social, a partir daí os sindicatos começam a adquirir mais força, tornando-se mais participativo e ganhando certa autonomia para a conscientização dos trabalhadores despertando-os em relação a seus direitos, tornando, assim, a classe trabalhadora mais participativa e aumentando o número de manifestações operárias a favor da redução da jornada diária de trabalho nas fábricas sergipana.

Ao introduzir estes acontecimentos políticos e sociais, o narrador vai relatando que apesar de viver uma vida miserável, a personagem de Pedro não ficava alienada a certos acontecimentos envolvendo sua classe social. O simples fato de ter recebido a promoção e,

consequentemente, o aumento de salário, não foram suficientes para que não pudesse perceber a verdadeira intenção do seu patrão. Sua preleção era voltada para conquistar os mesmo direitos trabalhistas já obtidos pelos operários das regiões Sul e Sudeste. No entanto, sua batalha termina num desfecho trágico, em decorrência das suas idéias comunistas é preso e deportado como um vil ladrão.

Bela, entre todas as personagens, é a que mais desperta comoção, franzina desde pequena com problemas pulmonares, seu quadro de saúde começa a evoluir logo após dar início ao trabalho na fábrica de tecido. Consultada por seus pais sobre começar a trabalhar na fábrica ela diz: “– Por mim, não! Essa tossezinha que ainda tenho não é nada. Pode ser até que passe com a lida... Vão ver como eu agüento...” (idem, 2003, p.111)

A fala de Bela é o contraponto para o narrador denunciar as precárias condições de trabalho a qual eram submetidos os operários. Estas impostas pelos proprietários das fábricas, que não asseguravam para os empregados equipamentos de segurança adequados. Não tinham o menor intuito de preservar integridade física dos mesmos. Naquela época era muito comum adolescentes morrerem em decorrência de problemas pulmonares, devido à contaminação através do pó que saia do algodão, matéria prima usada na fabricação dos tecidos, bem como jovens que se envolviam em acidentes de trabalho por não usarem tais equipamentos. Fato confirmado com o relato do narrador na passagem do acidente envolvendo um jovem aprendiz, filho da operária Sá Ricarda.

A larga correia de uma transmissão, que fazia funcionar todo um grupo de teares, alcançara um rapazelho de quinze anos pelo braço, atraía-o para a roda, suspendera-o no ar, e arremessara-o violentamente sobre a parede que a pequena distância se encontrava. Quando o corpo veio dar no chão, já estava sem vida, o crânio extensamente fraturado... (2003, p. 140).

Este episódio causou grande repercussão nos corredores chamando a atenção de todos, inclusive de alguns encarregados. Com o objetivo de acabar com aquele tumulto e controlar aquela situação, o capitão Cisneiros adota o seguinte discurso: “– vamos, Sá

Ricarda! O que é isso? Conforme-se! Deixe estar, que a fábrica faz o enterro e lhe paga uma indenização... Tenha coragem! Anime-se! A vida é assim mesmo...” (2003, p. 141)

No discurso do encarregado estão embutidas as ideologias dos empregadores, colocando como único objetivo a exploração da categoria. Ao dizer: deixe estar, que a fábrica faz o enterro... Sua verdadeira intenção era defender a categoria empresarial, com o falso interesse em ajudar seus empregados, visto que o auxílio funeral era uma conquista atribuída aos movimentos sindicais que defendiam os direitos dos trabalhadores.

Além destas questões, o locutor chama a atenção do leitor para o descaso da saúde pública, tanto dos governantes como também da classe empresarial, que não asseguravam aos trabalhadores o direito à assistência médica gratuita. Durante muito tempo, Bela permanece debilitada em cima da cama, devido às condições financeiras da sua família, que não possuíam recursos para proporcionar à enferma o tratamento adequado. Mas a esperança da família Corumba estava depositada na doce Caçulinha a filha mais nova do casal. Destacava-se das irmãs em todos os sentidos:

Era uma garota de onze anos, olhos claros, cabelos castanho-loiros, branca e rosada. Tudo isso, e mais o acetinado de sua pele, as suas mãos finas e belas, davam-lhe certo ar de superioridade e destaque no meio pobre em que vivia. Constituíam o enlevo e a alegria dos dois velhos. Era, mesmo, a máxima esperança deles. Porque, aquela, não levaria a dura vida das irmãs. Arrotando sacrifícios e impossíveis, haveriam de fazê-la normalista e professora, para ter quem lhes fosse um amparo no extremo da vida. (2003, p. 46)

Não contente com a situação da família, Caçulinha propõe larga o uniforme da escola normal, e dá continuidade ao destino que a vida havia reservado para suas irmãs, trabalhar na indústria têxtil.

- Não, mãe, essa situação não pode mais continuar. Assim, a gente acaba pedindo esmola na rua. Bela já tem um mês que não trabalha... Tudo já está faltando aqui em casa. Da minha parte, eu estou sem roupa e sem sapato. Tenho pensado muito em tudo isso. E só vejo um remédio: é eu largar a escola e me empregar....(2003, p. 124)

O discurso de Caçulinha mostra a realidade cruel, vivenciada pela classe menos favorecida que precisava sobreviver perante a sociedade capitalista e exploradora. Diante da miséria que se encontrava, ela não hesitou em procurar o Dr.Barros, personagem bastante influente e defensor da classe operária. Atendendo a seu pedido, ele resolve ajudá-la, porém comovido com aquela situação desabafa:

Há casos que, pela sua repetição quase diária, parecem-nos comuns e naturais. Vistos de perto, no entanto, bem pesadas suas razões determinantes, assumem proporções de uma grande dor. O que se passa com essa gente, que acaba de sair aqui de casa, é bem o exemplo vivo do que digo. Imaginem só vocês que aquela menina vai deixar a Escola Normal, já em meio do curso, para ajudar o pão da família, internando-se numa fábrica. (2003, p. 130)

Mesmo a família Corumba fazendo um enorme sacrifício para manter acesa a expectativa de mudança, depositada na filha mais nova, eles não alcançaram seus objetivos, quando ela também não escapou da sina que assolaram as irmãs. Sua decisão de trabalhar no escritório da fábrica termina com um desfecho trágico. Caçulinha, a esperança da família, não consegue fugir das “tais razões determinantes citada por Dr. Barros”.

A prostituição, apontada como problema social dos grandes centros urbanos, é tratada por Amando Fontes como uma decorrência natural do progresso industrial. A exploração da mão-de-obra feminina, aliada ao desejo de mudança eram as principais causas para que muitas operárias não resistissem aos assédios masculinos. Na obra, o narrador tem a intenção de abordar as tragédias diárias que eram submetidas essas mulheres. Assim como as filhas dos Corumbas, que seguiram o caminho da prostituição feminina, com exceção de Bela que escapou da tragédia por que acabara morrendo tuberculosa, outras personagens tiveram a mesma sina que elas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar que a obra *Os Corumbas* possui em sua narração vários eixos discursivos, abordando o tipo da mulher operária fabril, suas qualidades e defeitos, assim como discursos voltados para a defesa do trabalhador das fábricas e ainda a questão social retratada na transformação da família.

A obra é rica em conteúdo descritivo, no quesito literário, de forma a situar o leitor dando todas as características da cidade, o modo de falar e a riqueza de detalhes locais; de maneira que todos que lêem têm a impressão de conhecer Aracaju.

Logo, podemos dizer que Amando Fontes usou a literatura para abordar o seu discurso político e social, como também denunciar o sofrimento e descaso que era tratada a gente de 1930, valendo-se de uma família de retirantes para abordar as várias temáticas presentes na obra.

Amando utiliza com maestria o discurso do proletário para denunciar o modo como a sociedade da época era explorada pela classe empresarial. Mostra em cada discurso a importância das reivindicações da categoria operária sergipana em almejar melhores condições de trabalho, condições essas já conquistadas nas regiões Sul e Sudeste. Com estilo modernista e profundamente realista na questão das falas das personagens que trazem consigo visões ideológicas individuais, o romance aborda a questão da polifonia, através do discurso direto, mostrando as diversas vozes, como também a heterogeneidade no sentido dos vários pensamentos. É sem dúvida uma obra de cunho social, já que o seu universo discursivo é o campo social e político que relata as mazelas da sociedade sergipana em plena industrialização na década de 30.

Ao apresentar o resultado desta pesquisa, pode-se apreender a importância de analisar uma obra sob diversos ângulos, focando não somente a questão literária como também suas ideologias e valores presentes em cada discurso que perpassa a obra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, José Ibarê Costa. **História de Sergipe: República (1889 – 2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

\_\_\_\_\_. **O tenentismo em Sergipe: Da revolta de 1924 á revolução de 1930**. 2ª ed. Aracaju: Gráfica editora J Andrade LTDA, 1999.

FONTES, Amando. **Os Corumbas**. 25ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

JORNAL DIÁRIO DA TARDE, 1933 ((INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE)).

MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

PRIORE, Mary Del; VENÂNCIO, Renato Pinto. **O livro de ouro da História do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

SADER, Eder. **Marxismo e teoria da revolução proletária**. São Paulo: Ática S.A, 1986.

SANTOS, Lenalda Andrade; OLIVA, Terezinha Alves de. **Para conhecer a História de Sergipe**. Aracaju: opção Gráfica, 1998.

SILVA, Maria Ivonete Santos. **Romance Industrial: aspectos Históricos e sociológicos da obra de Amando Fontes**. Brasília; Fundação universidade de Brasília; Aracaju: governo do Estado de Sergipe / Fundesc, 1991.

VICTOR, Leonardi; FOOT, Francisco. **História da Indústria e do trabalho no Brasil**. São Paulo: Global, 1982.